

INVESTIMENTOS

NEGÓCIOS E EMPRESAS GERAÇÃO INVESTIMENTOS RENOVÁVEIS COMPLEMENTARES - 12 de Maio de 2020

Fundo de investimento em energia renovável é mais resiliente na crise atual

Os efeitos irreversíveis da pandemia no consumo de energia no país aliados ao contexto de queda de juros e abertura de mercado tornam projetos renováveis mais atrativos

Impactado pela crise mundial gerada pela pandemia do coronavírus, o setor de energia enfrenta desafios



ARTIGO

RACHEL E. ANDALAFT, CONSULTORA
sócia-fundadora da REA Consult

fortes como a brusca queda de demanda, preços e liquidez – um cenário que impacta direta e drasticamente o retorno dos investimentos.

Um estudo da consultoria Kearney, de abril de 2020, já aponta uma redução de 19% na produção de energia pelas usinas termelétricas, dada a menor demanda no Sistema Interligado Nacional (SIN). Ao mesmo tempo, as fontes renováveis, com um crescimento de 23%, estão abastecendo as casas de onde boa parte da economia permanece funcionando.

Dados da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) mostram resultados semelhantes: uma redução da ordem de 10% de consumo no SIN para o período entre 18 de março e 10 de abril, impactando diretamente nos preços. Enquanto os contratos de longo prazo de fontes incentivadas tiveram uma redução de 6% no preço desde março, o PLD apresentou uma queda brutal de 70% em todos os submercados.

No momento, poucos ousam fazer estimativa em relação ao PIB de 2020, mas já se sabe que haverá sobra física de energia hídrica e térmica, visto que o país terá que retomar sua curva anterior de demanda ainda antes de reiniciar uma fase sustentável de crescimento econômico.

Fundos de Investimento

Dados da AIC (Association of the Investment Companies) do primeiro trimestre de 2020 mostram que, enquanto os fundos de investimentos internacionais registravam queda média de 16% no valor de suas cotas, os fundos de investimentos em energia renovável sofreram uma queda menor, de apenas 3,2%. As renováveis foram a categoria que apresentou menos perdas quando comparada aos retornos de hedge funds, fundos de infraestrutura e fundos de outros setores altamente demandados como biotecnologia e cuidados para a saúde (healthcare).

O Brasil não passou ileso quando se considera a queda de 36,86% do principal índice da bolsa de valores para o período entre janeiro e março de 2020. Como todos se lembram bem, no início do ano havia uma certa expectativa de crescimento e muitas empresas trocaram as suas dívidas de curto prazo por outras mais longas, expondo-se à falta de liquidez que se seguiu.

Diferentemente dos fundos de ações, os fundos de investimento detentores de ativos de energia renovável são mais resilientes. Considerados como “real assets”, isto é, ativos reais e tangíveis, possuem lastro e se assemelham aos fundos de base imobiliária que se tornaram tão populares no país.

Entre as vantagens, podemos citar os custos de operação baixos e previsíveis, imunes aos efeitos das disfuncionalidades geopolíticas que costumam atacar o mercado de commodities energéticas, como o de petróleo e gás. Outro ganho é que, tal como nos contratos de locação imobiliária, as fontes renováveis contam com uma receita constante via contratos de longo prazo, conhecidos como Power Purchase Agreements (PPAs).

Por não serem despacháveis, as renováveis também são menos impactadas pela queda da demanda. Desse modo, sofrem uma redução de preços menor, garantindo minimamente um retorno sobre os ativos. Esta vantagem se traduz num ganho global para o mercado, pois as fontes solar e eólica já se encontram entre as mais competitivas, sobretudo em comparação com as fontes térmicas, o que reforça a sua proposta de valor.

Cabe notar que a penetração de fundos de investimentos diretos em ativos de energia renovável no Brasil ainda é limitada, com grande parte dos investimentos se caracterizando como investimentos corporativos. Não obstante, dos fundos internacionais monitoram ativamente nosso gigantesco potencial em renováveis.

Novas fontes de recursos

No mercado norte-americano, 25% da indústria de fundos está alocada em projetos ESG (meio-ambiente, sociedade e governança, em inglês). Isso se deve a dois movimentos complementares: as evidências de que esses fundos são menos voláteis, dadas as características de seus ativos, e a democratização fornecida pelos gestores de patrimônio (um movimento parecido com o da XP Investimentos no Brasil) além dos chamados robôs de investimentos, que atraem os pequenos investidores.

Esse fato ainda é impulsionado por um elemento intergeracional mundial onde os fundos de pensão encontram cada vez menos investimentos que remunerem adequadamente as reservas dos seus beneficiários – cidadãos que estão vivendo cada vez mais –, e a geração que está herdando as fortunas geradas pela grande valorização dos ativos nos últimos 12 anos.

No caso do Brasil, investidores estão à procura de negócios reais e sustentáveis, a exemplo dos fundos patrimoniais, que surgiram para preencher a lacuna deixada pela redução do Estado na economia. Um mercado ainda incumbente e mostrando pouca sintonia com a experiência internacional, o potencial nacional para a fonte de capital institucional é não obstante uma grande aposta para o médio e longo prazo.

Em um novo contexto, o armazenamento de energia, a queda de juros e a abertura de mercado tornarão muitos projetos viáveis e atrativos, fatores que moldarão a forma como autoridades e agentes econômicos endereçarão os vários desafios à frente. Os fundos de ativos reais em energias renováveis poderão, no Brasil assim como no exterior, determinar o novo benchmark.

Rachel Andalaft é sócia-fundadora da REA Consult e gestora junto a investidores institucionais